

As possíveis alfabetizações (entre Universidade e Escola) pela visão dos docentes

Ludmila Thomé de Andrade
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Title: *Possible literacies (between university and school) by the sight of teacher*

Abstract: *We present, in general lines, the outcomes of a training-research, which aimed at exploring the possibilities and at facing the impossibilities in the University/School dialogue. The bakhtinian discursive approach was taken as theoretical basis by taking under consideration the dialogues that occur within the training-research field and that are highlighted as research events that may, in a macro discursive dimension, become discursive and intervenient events within the ongoing discursive formation. The used methodology invested in experiencing didactic strategies for the continuous development of literacy teachers in a long term continuous process which aimed at stimulating teachers to write about their practices in order to publish their texts in different media used by educators. We herein listed and reported the findings from the research in order to frame them in the historical dimension of a discursive formation which is being strengthened by the under production plot of enunciations.*

Keywords: *Teachers formation. Dialogism. Teaching writings. Professional literacy.*

Resumo: *Apresento em linhas gerais os resultados de uma pesquisa-formação que teve por objetivo a exploração de possibilidades e o enfrentamento de impossibilidades do diálogo Universidade-Escola. Tomo como fundamentação teórica a abordagem discursiva bakhtiniana, considerando que as interlocuções acontecidas no campo da pesquisa formação, destacadas como eventos de pesquisa, podem se tornar, numa dimensão discursiva macro, acontecimentos discursivos, intervenientes na formação discursiva em plena constituição. O investimento metodológico foi a experimentação de estratégias didáticas de formação continuada junto a professores alfabetizadores, num processo contínuo, de longo termo, em que prevaleceu o objetivo de fazer os professores escreverem sobre suas práticas, de modo a publicar seus textos em espaços destinados a pares professores. Aqui elenco os achados de pesquisa, os relatos, buscando enquadrá-los na dimensão histórica de uma formação discursiva que está se fortalecendo na trama de enunciações que se vêm produzindo.*

Palavras-chave: *Formação de professores. Dialogismo. Escrita docente. Letramento profissional.*

Apresentação geral do trabalho

Neste texto, apresento alguns resultados de uma pesquisa de quatro anos (ainda a serem completados em fim de 2014),¹ retomando para a discussão um de seus objetivos principais, o de estreitar as relações entre Universidade e Escola, através de uma ação prática de pesquisa, uma pesquisa-formação. O formato de pesquisa qualitativa de pesquisa-formação – uma pesquisa-ação que implementou um processo efetivo de formação - buscou produzir um contato interlocutivo entre formadores pesquisadores e docentes alfabetizadores de escolas cariocas.

Durante o período de quatro anos, 63 professoras participaram por pelo menos um semestre (o espaço de tempo possível a cada uma) de um processo de formação proposto em moldes dialógicos, ou seja, norteado por objetivos que buscavam a flexibilização de seus rumos, em função das respostas recebidas, expressas pelos interlocutores. Desta comunidade de prática – uma prática de formação continuada de profissionais docentes – participaram voluntariamente os professores, reunindo-se em grupos que se formavam a cada semestre em número de 18 a 25 em média.² A realização do processo de formação produziu acontecimentos discursivos que puderam ser destacados como eventos de pesquisa, em função de uma noção de experiência (LARROSA, 1994) docente de formação profissional, concebida como aquilo que atravessa os sujeitos, provocando deslocamentos em sua trajetória identitária. No contexto criado, de formação profissional, os sujeitos inscreveram-se de formas particulares em processos discursivos, através de produções de textos constantemente solicitados relacionados à leitura de textos de pesquisa e de

¹ “As (im)possíveis alfabetizações de alunos de classe popular, pela visão dos docentes da escola pública”, projeto financiado pelo Observatório da Educação/ CAPES, Edital no 38/2010.

² A frequência por todo o período distribuiu-se pelos semestres de maneira bastante variada: 6 professores frequentaram pelo período de 3 anos, 8 professores por 2 a 3 anos, 10 professores por 1,5 ano, 20 professores por um ano e outros 20 por 1 semestre.

outras esferas, principalmente literários, sendo instados a transformar sua prática e expressar estas transformações.

Neste espaço de formação assim desenhado, a voz dos profissionais pode ser constantemente acolhida e ganhou valores inusitados entre os interlocutores participantes desta comunidade de práticas. Ao final do processo, a equipe do grupo de pesquisa avalia ter avançado na construção de parâmetros para a formação de professores, considerando hoje que um professor bem-sucedido em sua formação torna-se necessariamente um professor-formador, em certa medida. Professores que se alçam à posição de quem defende seu fazer, narrando-o e argumentando em sua defesa, afirmam-se assim como professores-autores. Ao final dos quatro anos de realização desse processo, a coordenadora, auxiliada pelo grupo, escreveu um novo projeto que visa a fundar um espaço de publicação de textos de autoria docente.

Este objetivo está inscrito num novo projeto ainda a ser iniciado e materializa uma discussão conceitual do campo da pesquisa em Educação, especialmente na subárea de formação de professores, na qual vêm se sucedendo complementarmente os conceitos de professor-pesquisador, professor-reflexivo e professor-autor.³ O professor-pesquisador foi confundido muitas vezes com o pesquisador da universidade, em seus discursos e práticas possíveis e desejáveis. O professor-reflexivo define-se por uma aposta afirmativa na possibilidade de elucidação de saberes docentes, a partir de instâncias formadoras que os propiciem. O professor-autor ainda é representado numa dimensão vaga no campo: o objetivo por meio de nossa pesquisa é restituir a complexidade e a densidade que é feito. Nesta pesquisa, tomamos como desafio para endossar esta colaboração a ideia de escrita docente, que foi problematizada a partir de um repertório conceitual subsidiado

³ Indicamos apenas dois livros que trazem um panorama dos debates sobre estes conceitos intensamente discutidos no campo da Educação: Contreras, 2002 e Gerdali *et al.* (Org.), 2000.

pelos estudos enunciativos, em sintonia com os estudos de letramento.⁴

Assimetrias na rede

Os presentes ao III Seminário Escrita Docente e Discente⁵ puderam compartilhar um momento de culminância de uma pesquisa (àquele momento com seus 3 anos e 9 meses de idade, caminhando para os quatro), de trabalho numa pesquisa-formação, nos quais o núcleo mais importante e vivo foi a realização semanal dos EPELLE - Encontros de professores para estudos de letramento, leitura e escrita. A sensação de estar caminhando para um fechamento da pesquisa intitulada “As (im)possíveis alfabetizações de alunos de classe popular pela visão dos docentes da escola pública” esteve presente desde o início de 2014, mobilizando toda a equipe de pesquisa que se encontrou durante este tempo num movimento de retomada constante, de rememoração de processos vividos na formação e de análise dos (assim designados) deslocamentos docentes realizados, identificados e avaliados.

Têm sido um de objetos dessa pesquisa, para abordar o tema do ensino da modalidade escrita da língua, as transformações que se possam operar nas práticas pedagógicas docentes, resultantes do trabalho de formação continuada. Para produzir este objeto nesta ação de pesquisa, a equipe planejou, implementou e avaliou, como pesquisadores-formadores, ações de formação, junto a professores da escola pública formados em Pedagogia. Consideramos as trajetórias dos sujeitos professores a partir dos seus deslocamentos, entre as posições inscritas nos campos que são postos em relação, a saber: o campo da

⁴ A parceria com dois pesquisadores brasileiros permitiu-nos estabelecer este diálogo: Manoel Corrêa (USP) e Raquel Fiad (UNICAMP).

⁵ Os três seminários “Escrita Docente & Discente”, realizados nos anos de 2012, 2013 e 2014, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foram atrelados à pesquisa-formação.

formação, situado no espaço entre os campos da universidade e da escola da educação básica.⁶

A partir de discursos produzidos nos diálogos da formação continuada implementada, pode-se imaginar que se tensionam os “nós” que pontuam as posições ocupadas, mais ou menos distanciadas entre si. A metáfora da rede (de pesca) e seus nós serviu para formulação de noção importante no desenvolvimento desta pesquisa, desde seu início (ANDRADE, 2011), como um construto, facultando a possibilidade de tradução das relações de trabalho docente, a partir de atos discursivos (BAKHTIN, 2010).

Os nós da rede pontuam e desenham um mapa, como se os campos mencionados estivessem recobertos por esta rede, e os sujeitos situados nos nós fossem instados a produzir discursos no contexto da formação continuada, ou seja, interpelados a se pronunciar e, assim, conseqüentemente, dinamizarem as relações, concebidas em sua natureza alteritária, situada no intervalo entre os sujeitos-professores.

No banco de dados constituído, os registros (em áudio, vídeo, cadernos de campo etc.) dos diálogos constitutivos de enunciações representam enunciados em disputa, na arena estabelecida. Durante o longo período de trabalho de pesquisa, foram sendo destacadas as relações entre formadores e professores, entre professores de escolas públicas de tipos diferentes (federais e municipais), entre professores de escolas públicas de mesmo tipo com condições semelhantes, entre professores e pesquisadores aprendizes (mestrandos e doutorandos) que traziam para a cena seus movimentos de deslocamento de identidade de professores. Desta forma, dinamizavam-se algumas áreas da rede em que se situavam os diversos sujeitos desta comunidade de práticas que se tornou o grupo nos encontros.

⁶ O conceito de campo é utilizado aqui no sentido definido por Pierre Bourdieu em sua obra. Destacamos a sua sintonia e aproximação possível e produtiva com o conceito de esfera, definido por Bakhtin (GRILLO, 2006).

Na abertura do III Seminário (evento acadêmico mencionado) supra, foram anunciados os trabalhos a serem apresentados, construídos recentemente (passado) e os trabalhos de discussão destes pelos comentadores que os haviam lido previamente, ensejando futuros novos, com discussões responsivas, nas interlocuções entre Universidade e Escola. Rompiam-se as assimetrias hierarquizadas, pois o formato proposto para as mesas situava os debatedores - pesquisadores renomados, presentes nos eventos dos anos anteriores como palestrantes – em posição de leitores (e não de autores cujos textos teriam sido lidos). Eles foram imbuídos de um espírito dialético-responsivo, numa perspectiva dialógica e exotópica, buscando, na escrita dos textos que produziram para ser apresentados como comentários, um ponto a partir do qual a voz docente pudesse ganhar novas respostas, com leituras compreensivas e interpretativas. Quiçá esboçando em sonho novos tempos na escola brasileira, no trabalho com a linguagem, numa perspectiva linguístico-discursiva que se moldasse às possibilidades das formas escolares hoje na escola pública.

A relação universidade-escola ganhava contornos diversos, com novas assimetrias, novos contornos traçados, escapando ao espírito avaliador unilateral. Buscava-se que a voz docente presente nos textos de artigos apresentados em palestras não fosse estranhada ou tratada estritamente pelo rigor acadêmico, mas que fosse ouvida e respondida, em diálogos que seriam produtivos para todos, de parte a parte, interessados na transformação das condições de produção pedagógica da escola brasileira, para que contextos propícios pudessem ser dispostos e abastecidos, equipados em prol de letramentos interessantes e interessados de classes populares.

Ficou claro que os colegas parceiros convidados, vindos de campos exteriores ao campo da pesquisa em educação, mais especificamente da Linguística e da Linguística Aplicada, assumem uma grande responsabilidade quando escrevem seus textos de pesquisa. A circulação dos seus textos de pesquisadores da Universidade produz (inevitável e

indiretamente) significados inovadores dentro desta *formação discursiva*,⁷ ancorada na universidade em sintonia com a escola. Deixam de falar para professores formados em Letras/Linguística, passam a se comunicar com a Educação, pelo intermédio de professores formados em Pedagogia, que trazem outra bagagem, ao mesmo tempo mais diversificada em termos de gama de conhecimentos, também de caráter mais superficial, o que se torna inevitável pela sua amplitude. O caráter deste Seminário, porém, permitiu que a voz da pesquisa passasse a ser mais escutada no campo da educação por professores alfabetizadores interessados e, a partir desta escuta-leitura, a equipe de pesquisa passou a poder almejar fundar novos mundos e abrir horizontes em que novas entonações para textos a serem criados em novos ritmos de difusão de conhecimentos possam constituir os atos docentes.

Os resultados de um projeto impulsionam a que se lancem bases para outros novos projetos, segundo eixos que se retomam e assim se fortalecem mutuamente, ou em discussões que são superadas por outras que nascem. Durante o ano de 2014, já foi preciso lançar algumas flechas que apontassem os caminhos que se seguiriam e, nas escritas de projetos novos, não poderíamos deixar de nos colocar dentro de um tempo histórico, um tempo para se contar histórias. Esse movimento dialógico, de nascimentos e enfraquecimentos, vai dinamizando, lastreando-se em tradições, ou aliviando-se de explorações que não resultam em conclusões importantes. O movimento que esta pesquisa-formação provocou na relação entre Universidade e Escola permeia as relações entre discursos

⁷ Tomamos uma definição deste conceito de forma simples, a partir da leitura de Foucault (in: *L'archéologie du Savoir*), compreendendo-a como “(a) formação discursiva apresenta-se como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tal como as proposições, atos de fala ou frases, mais submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria, etc. Essa noção, presente na obra de Foucault, é derivada do paradigma marxista formação social, formação ideológica, e a partir daí, formação discursiva.” [grifos nossos] (AZEVEDO, 2013)

que se inscrevem em ordens discursivas distintas, mas que se interdirecionam por suas palavras, discursos, vozes e interesses.

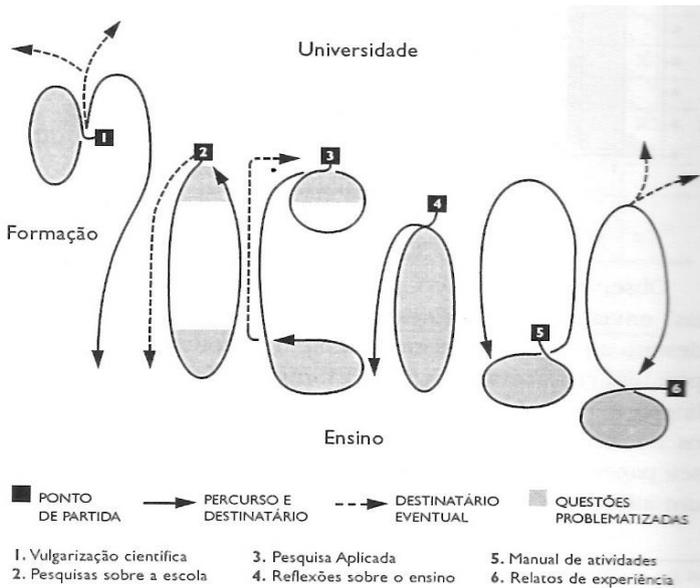
No intervalo entre Universidade e Escola, a formação discursiva da pesquisa em educação, em seu eixo mais específico da pesquisa sobre formação de professores alfabetizadores, vai se fortalecendo, reproduzindo-se e se renovando e, ao mesmo tempo, produzindo identidades docentes e discentes, acadêmicas e escolares.

Achados da pesquisa, resultantes da relação Universidade-Escola

Em 1997, publicava na Revista *Leitura: Teoria e Prática* o artigo intitulado “Procura-se um formador - a produção universitária sobre o ensino de português: uma ação reflexiva” (ANDRADE, 1997). Ele havia sido escrito no calor das reflexões de minha tese de doutorado, que tratava da difícil (e ao mesmo tempo tão desejada por ambas as partes) aproximação entre Universidade e Escola. Desde 1996 – ano da defesa de meu doutorado -, até em 2014, ano de redação deste artigo, portanto, quase 20 anos depois, no curso desta história, muitos acontecimentos inscritos em políticas educacionais certamente modificaram as relações entre os agentes. Vemos hoje que se produziu um campo de formação de professores, onde se dispõem novas possibilidades de produção de conhecimento, de inter-relação entre discursos, mais fortemente, entre a Universidade e a Escola.

O esquema da Figura 1 foi criado ainda na tese, para ilustrar as relações entre Universidade e Escola, a partir da análise de um conjunto de livros representativos da produção da linguística e da linguística aplicada disponíveis à época para o campo de produção curricular da educação básica. O esquema mostra que a diversidade de possibilidades era muito ampla, se se tomar os critérios propostos, quais sejam: ponto de partida da pesquisa; percurso e destinatário pretendidos, e eventuais; conjunto de questões problematizadas.

Figura 1 - Esquema topológico de relação entre Universidade e Escola pela via da formação



O mapeamento das relações entre Universidade e Escola mudou e hoje a comunicação que se estabelece pela divulgação de trabalhos de pesquisa em campos diferentes, campos que buscam sua aproximação mútua, é certamente plena de um discurso situado nesse intervalo. Nesta comunicação, a densidade discursiva é representada pelo fato de que os enunciadores podem hoje se meta-enunciar, ou seja, podem se pensar a partir de suas produções discursivas, inscrevendo-se numa enunciação, na qual se reconhecem por conceberem seus interlocutores – professores e pesquisadores – de forma mais palpável. Como decorrência de diversas e intensas ações de políticas públicas de formação continuada de professores, os contextos em que se movimentam os agentes envolvidos nos processos de formação continuada de professores da educação básica foram sendo alterados, ao longo destes anos.

Destas políticas, hoje, nós, pesquisadores, temos feito parte intensivamente, interpelados de nossa posição de universitários, inscritos, entretanto, em uma nova posição, de formadores, a que temos sido cada vez mais interpelados, inevitavelmente, acumulando camadas de responsabilidades que nos obrigam a agir no âmbito extra-universidade, no âmbito extensionista. No âmbito de políticas voltadas para a educação básica, nosso trabalho universitário mudou muito nos últimos tempos: pesquisa, ensino e extensão passaram a nos ser efetivamente atividades obrigatórias.

Muitos dos novos professores universitários, contratados em concursos acontecidos nas últimas décadas, frequentemente assumem apenas a extensão, além do ensino, deixando a identidade de pesquisadores enfraquecida. Como consequência desta interpelação intensiva vinda do âmbito do Ministério da Educação, a identidade de professor universitário se altera. Talvez aumente-se a proximidade entre professores da escola básica e Universidade, tendo em vista um investimento maior num discurso de extensão do que de pesquisa. O discurso de extensão tem por característica voltar-se à sociedade, voltando-se mais especificamente à formação do professor. Pode-se afirmar que se aproximam mutuamente identidades profissionais em construção: uma nova identidade docente do ensino superior e novas identidades docentes da educação básica.

Do lado da extensão, professores pesquisadores temos sido convocados e participamos intensivamente dos processos propostos por fora da Universidade pelo Ministério da Educação, sobretudo, nos encontrando com aqueles mesmos professores que formamos, na formação inicial, agora em formações continuadas. Na pesquisa, tentamos entender os meandros por que tem rumado a educação, os acontecimentos discursivos que vão fazendo a sua história, as transformações das realidades, as mudanças.

Como consequência desta aproximação maior entre agentes universitários e professores da escola, também se pode supor que tenha mudado o trabalho pedagógico em que estão

investidos os professores, em torno da aprendizagem escolar da linguagem, da alfabetização e letramento infantil. As ações de políticas públicas educacionais, especialmente as de formação de professores através de seus modos particulares de realização, de formas de conceber o professor, o trabalho docente e a identidade profissional, se materializarem nas escolas, produzindo novas possibilidades de se ensinar.

Do lado do ensino, as universidades estão plenas de estudantes, com suas novas identidades de universitários, os alunos de classe popular, cujos pais e avós não tiveram acesso anteriormente a este espaço de escolarização avançada. São estes novos estudantes que hoje estão conosco, no ensino, desafiando-nos, e trazendo suas formas de racionalidade, de linguagem, de oralidade, leitura e escrita que nos causam estranhamento: outras diferentes alteridades das quais nos constituímos.

Vivemos na universidade um momento de plena mudança, que exige de nós um espírito de inovação. A mudança se dá, dentre outros fatores, pelo quantitativo discente, que intensifica a relação de ensino entre os professores universitários e os alunos, com a frequência alterada, de novas classes sociais que trazem identidades discentes a serem reconhecidas: há hoje um maior contingente de estudantes a se formar, o que torna o perfil de estudantes muito heterogêneo. Desconhecemos as possibilidades que se apontam no horizonte. Os desentendimentos são marca dessa mudança.

O novo universitário é o jovem de hoje, pois a maioria dos jovens está frequentando as salas de aula universitárias. Por serem menos elitizados, são mais heterogêneos. Tudo isto engendra a modificação de nosso trabalho universitário, em pleno dinamismo de modificação, sendo alterado e exigindo nossas adaptações relativas a novos contextos que vão se configurando. Identidades de docentes universitários novas surgem no horizonte de possibilidades constantemente, exigindo de nós posicionamentos. Surgindo novas identidades docentes, necessariamente vão surgindo outras novas identidades discentes, pois uma identidade (se) constitui (n)a

outra, no jogo da alteridade. Na concepção bakhtiniana, as alteridades produzem identidades sempre em deslocamento.

A escrita escolar pela visão dos docentes

Na formação realizada como pesquisa, o destaque temático especial foi sempre a escrita da criança-aluno, nos momentos da (sua) aquisição escolar da escrita. Esta escrita é posta em relação direta com a qualidade das interações entre docentes e discentes na escola, nas salas de aula de nossa escola pública, pois concebemos que não é suficiente olhar para ela de forma isolada, microscopicamente examinada, para produzir soluções, fórmulas e receitas que a reforcem, que a façam nascer, desenvolver-se.

Não basta observar a escrita por ela mesma, textualmente ou semioticamente produzida, mas uma compreensão conceitual desta escrita ganha muito se for vista como um eixo paralelo às escritas em sociedade. Para esta abordagem, muito contribuem os estudos na perspectiva do letramento, que ultrapassam a visão funcional de textos em sociedade e incluem a preocupação antropológica de compreensão das representações particulares e inusitadas sobre a escrita.

A abrangência dos estudos do letramento permite crescerem as discussões, pois abrem horizontes de uma visão etnográfica antropológica sobre qualquer texto.⁸ Eixos paralelos entre escola e sociedade devem ser permeabilizados entre si, para que a didática escolar da modalidade escrita da língua possa estar sempre se realizando de modo inovador.

⁸ Além dos autores já mencionados em nota de página anterior os quais têm trabalhado em diálogo epistemológico com os estudos de letramento, também têm sido importantes, para nossa construção conceitual, autores ingleses que trabalham nesta perspectiva, tais como Theresa Lillis (2008) e Brian Street (2010), por exemplo.

Resultados de pesquisa: estratégias didáticas de formação experimentadas, em prol da escrita docente

Como modo de desenvolver a formação dos professores sobre o tema da modalidade escrita da língua na escola, escolhemos formatos considerados como mais dialógicos, utilizando-nos de estratégias didáticas nos encontros de formação, em que se ensejassem a polifonia, as vozes docentes em sua relação de tensão alteritária com as vozes dos formadores e entre si. Desde a origem do projeto, foi almejada uma escrita docente que afirmasse práticas pedagógicas narradas e descritas pelos profissionais, uma escrita que traduzisse mais proximamente o que acontece no “chão” da sala de aula, e que não se atenha a modos preconizados, que inove em suas formas de apropriação da realidade e da própria escrita. Entretanto, essa escrita foi dificultada por uma falta de vontade de dizer, no sentido bakhtiniano.

Nas esferas profissionais de letramento docente, pouco se tem interpelado os professores para que produzam gêneros discursivos que representem os movimentos de interlocução postos como posições de poder. Ao contrário, alguns itens das políticas educacionais veiculam representações sobre o discurso docente em que se tratam os professores de forma avaliativa, predefinindo suas performances, exigindo-lhes seguir parâmetros que silenciam as produções discursivas autorais.

Os silêncios docentes foram analisados como resultantes de políticas que lhes recusam o lugar de expressão de seu fazer, que lhe dizem como fazer em detrimento de qualquer produção de conhecimentos próprios. Foi com este professor que nos encontramos. O enfrentamento do “(im)possível” presente no título do projeto da pesquisa foi se realizando, pelos diversos esforços feitos com o objetivo de “abrir o verbo” docente. Entretanto, tal empreendimento não incorria em mudanças apenas dos professores, mas exigiu igualmente dos formadores outras posturas, paralelamente. Para que esta pesquisa possa vir a formular princípios que ancorem políticas educacionais, chegamos a um ponto de observação e

descrição teórica que permite argumentar a favor da construção de uma posição discursiva de um formador que seja leitor de textos docentes. Senão, para que criarem-se autores no campo, se não se produzirem simultaneamente leitores?

Os procedimentos metodológicos implementados nesta pesquisa-ação foram de diversas ordens e produziram efeitos sobre a identidade do professor-autor. Na perspectiva dialógica, a formação bem-sucedida ensina o professor a falar sobre sua prática para seus pares e, desta forma, um professor (bem) formado torna-se necessariamente um formador.

Novas esferas surgiram como horizonte para o letramento profissional como, por exemplo a emblemática esfera eletrônica, com a criação de um grupo fechado na rede social *Facebook* e novos usos feitos deste grupo (que têm sido estudados pela doutoranda Denise Rezende na Universidade Federal do Rio de Janeiro). Houve ainda a criação de uma *fanpage* por uma professora, o que nos levou a pensar sobre as possibilidades de novos modos de publicação.

As produções escritas parciais, de textos muito curtos, ao longo dos encontros de formação, acrescidas de momentos designados de “Apresentações de Práticas” (em que as professoras agendavam-se para ocupar a cena da formação, apresentando processos desenvolvidos a seus pares participantes da formação), culminaram na produção de um conjunto de artigos (docentes). Um livro será editado com base nesse conjunto de artigos escritos pelos professores, alguns deles apresentados no referido III Seminário em 2014. Houve também muitas apresentações dos professores, dos formadores, dos pesquisadores, por vezes, lado a lado, por vezes, em eventos científicos diferentes.

Neste contexto, aqui descrito de modo muito genérico, uma linha editorial docente está sendo planejada, já prevista em projetos de pesquisas futuras, enviados a instâncias de financiamento. A meta é a publicação de textos docentes que atendam a diversas demandas de um mercado novo, em que leitores e escritores profissionais possam se encontrar. As características deste novo público poderão nos ensinar sobre as

novas relações entre Universidade e Escola, sobre um letramento profissional que possa ganhar contornos inusitados, mas suas restrições e possibilidades estão ainda por se descobrir.

Ganhamos, nesse sentido, também nós, formadores-pesquisadores, novas posições na rede: a posição de editores. Para além da posição de orientadores, de professores, de formadores e outras a se pontuar, ganhamos a de editores. Estimularemos e selecionaremos os textos docentes. Que sejam textos do professor, por serem necessariamente textos para o professor, pois se fazem de uma convivência escolar, textos com o professor. De nossa parte, a pesquisa poderá passar a produzir seus textos sobre o professor (desde que sejam também *do, com e para*, não *contra*, nem *apesar de*).

Um critério para se pensar editorialmente esses textos é o de relações entre textos: os textos docentes a serem publicados deverão ser necessariamente sobre textos, produzindo uma descrição crítico-analítica de textos infantis, de textos retirados de âmbitos sociais diversos que passem à esfera escolar, servindo a fins pedagógicos, de textos literários, mais particularmente *e, last but not least*, dos textos acadêmicos, de pesquisa, teóricos, escritos pelos pesquisadores. Estes últimos devem ser apropriados pelos professores de formas inusitadas, numa inversão da relação teoria e prática que retensiona a rede em seus pontos, resignificando posições por novos distanciamentos produzidos.

Também foi um efeito de nossa pesquisa-formação sobre as trajetórias docentes a procura por pós-graduações. É importante marcar esta observação, pois há muitos projetos em curso que preveem financiamento de mestrados profissionais aos professores da rede pública. Ao mesmo tempo, a exigência para estes cursos não considera necessariamente a escrita de textos, mas aceita a apresentação de “produtos educacionais”. Prescindir-se da linguagem verbal, da escrita de um trabalho, pode significar bastante em relação aos silêncios docentes que pudemos constatar em nosso trabalho.

O resultado da pesquisa e da formação que implementamos, coerentemente escrevendo um texto de pesquisa extenso, refletido sobre o campo da formação, foi a construção de uma leitura universitária do que poderão vir a ser novas formas de escritas docentes. Voltamos a um desígnio já apresentado no início do projeto, desta vez, afirmado de modo mais próximo de se tornar realidade. Aproximamo-nos da possibilidade concreta de realizar o desejo de citar os professores, por sua vez sendo citados por professores-autores, e que os diálogos entre os pares sejam meu objeto de leitura. “Apud Professores et alii”, quero assim citá-los, o seu coletivo de docentes, não apenas como meus sujeitos de pesquisa, mas como autores de suas escritas em um discurso profissional. Querem um discurso deste outro, um discurso que só ele poderá inventar, desde que autorizado por leitores interessados. Textos docentes, profissionais, que tratem de uma profissionalidade que não é a minha e, por isso, são organizações discursivas que não sou capaz de realizar, que ainda estão por se produzir, dependendo apenas da continuação de minha ação de formadora, pesquisadora, orientadora, leitora e escritora de textos de pesquisa.

Referências

- ANDRADE, L. T. de. A montagem de uma pesquisa: a formação de professores alfabetizadores e suas exotopia constitutivas. *Revista da ABRALIN*, v. eletrônico, p. 311-331, 2011.
- ANDRADE, L. T. de. Procura-se um formador - a produção universitária sobre o ensino de português: uma ação reflexiva. *Revista Leitura: teoria e prática*, v. 29, p. 47-62, 1997.
- AZEVEDO, S. D. R. de. Formação discursiva e discurso em Foucault. *Revista Filogênese*, v. 6, p. 148-162, 2013.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

CONTRERAS, J. *A autonomia dos professores*. São Paulo: Cortez, 2002.

GERALDI, C. *et al. Cartografias do trabalho docente*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

GRILLO, S. Esfera e Campo. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: outros conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, T. T. (Org.) *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LILLIS, T. Ethnography as Method, Methodology, and "Deep Theorizing": Closing the Gap Between Text and Context in Academic Writing Research. *SAGE Journals*, p. 353-388, 2008.

STREET, B. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (Org.) *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

